O acontecimento midiatizado em circulação: apontamentos metodológicos

Marlon Santa Maria Dias
Universidade Federal de Santa Maria

Palavras-chave: midiatização; acontecimento; circulação; metodologia.

RESUMO EXPANDIDO

A gênese de qualquer investigação está na inquietação, que pode surgir em um momento qualquer, enquanto folheamos um jornal no café da manhã, assistimos a um programa televisivo, andamos de ônibus, conversamos com alguém na fila da padaria ou deslizamos o cursor do *mouse* na tela do computador. Ao observarmos a realidade empírica, formulamos perguntas e fazemos inferências num processo reflexivo de abdução que, seguindo as proposições peirceanas, é o único caminho para produção de descobertas.

A escrita de uma proposta de pesquisa atrela-se a esses processos de indagação, pois é escrevendo que planejamos o caminho, organizamos as ideias, elencamos as perguntas, descrevemos os observáveis e realizamos um laborioso exercício de argumentação. Este é o início de um percurso complexo que compreende diferentes etapas e um trabalho reflexivo de constante vigilância. Um percurso singular, pois cada pesquisa desenha um mundo a partir da especificidade do problema de pesquisa, dos observáveis e das inferências.

Este texto nasce tendo como horizonte de retrospecção uma pesquisa finalizada recentemente, na qual investigamos os modos como estratégias discursivas enunciadas por atores, campos e mídias – em uma complexa atividade de circulação que envolve dimensões midiáticas e não-midiáticas – constroem um acontecimento no contexto de uma sociedade em processo de midiatização. Tínhamos como objeto empírico a produção discursiva acerca da mobilização *Eu não mereço ser estuprada*, que emergiu no Brasil em 2014 a partir de um protesto anti-estupro articulado, sobretudo, por atores nas redes sociais digitais.

Neste artigo, propomo-nos a realizar um exercício reflexivo sobre questões, orientações e desafios metodológicos que constituíram a pesquisa supracitada. Assim como Brennen (2013), acreditamos que o processo reflexivo acerca das práticas metodológicas nos auxilia tanto na compreensão das interpretações advindas dos processos de observação dos dados, como também nos alerta para os fatores que

influenciam a pesquisa – contextos sociais, culturais, históricos, língua, experiências dos sujeitos da investigação. Mais do que descrever o percurso metodológico, objetivamos refletir sobre as especificidades que desafiam as pesquisas no campo da Comunicação que tem a problemática da midiatização como orientação epistêmico-teórica (BONIN, 2016) e, mais detidamente, investigações sobre a construção de acontecimentos nas paisagens ainda pouco exploradas da circulação.

O título deste trabalho sinaliza os conceitos que norteiam a investigação: acontecimento, midiatização e circulação. Acontecimento é um conceito caro – e, por vezes, problemático – para diferentes disciplinas, que tomam para si definições peculiares (FRANÇA, 2012). É possível identificar no mínimo dois tipos de acontecimento: o experienciado no cotidiano e o jornalístico. Enquanto o primeiro "corresponde à emergência e às afetações do acontecimento na realidade tangível e em suas reverberações cognitivas" (BERGER; TAVARES, 2010, p. 122), o segundo pode ser entendido como a construção do acontecimento pelas linguagens jornalísticas. Essa separação funciona mais em nível didático, afinal, é impossível – e até equivocado, como atentam Berger e Tavares (2010) – fazer essa separação de modo rigoroso, afinal, o acontecimento experienciado fornece elementos para a construção do acontecimento jornalístico, assim como este modifica a percepção daquele.

Comparando as diferentes vertentes do acontecimento (ZAMIN; MAROCCO, 2010) e as possíveis tipologias do acontecimento jornalístico (BERGER; TAVARES, 2010), encontramos um ponto de coesão entre essas perspectivas: o caráter singular do acontecimento, capaz de romper com uma suposta "normalidade", instaurando rupturas. Acrescenta-se a isso o que Quéré (2005) considera o mais importante: o poder de afetação do acontecimento. Para o autor, só há acontecimento porque ele afeta alguém. A partir dessa noção de acontecimento, questionamos de que modo podemos pensar a constituição de acontecimentos que eclodem em uma sociedade em midiatização. Se, como afirma Nora (1974), os acontecimentos possuem a marca da mídia que lhes é contemporânea, que características teria o acontecimento em uma sociedade marcada por manifestações de midiatização?

Entendemos midiatização como fenômeno social, mas também enquanto os próprios mecanismos que a fazem funcionar, engendrando complexidades resultantes da instalação de novos modos de interação social (SODRÉ, 2002) e da transformação cada vez mais frequente de tecnologias em meios (FAUSTO NETO, 2008). Essas complexidades que envolvem processos midiáticos e sociais se desenvolvem em uma

nova ambiência (midiatizada), que estrutura e organiza os sentidos e que se reconfigura a partir de operações midiáticas e de novas práticas de interação dos atores.

É importante destacar o modo transversal como pensamos esses dois conceitos, ou seja, a incidência de um sobre o outro. Exatamente por isso é que propomos o termo *acontecimento midiatizado*. Refletir sobre o acontecimento midiatizado é pensar sobre o modo como o processo de midiatização afeta e modifica a constituição de um acontecimento e possibilita novos espaços para sua eclosão e, consequentemente, outros olhares, interpretações, usos e construções que remetem a um modo singular de constituição do próprio acontecimento. Além disso, o processo de circulação de sentidos sobre o acontecimento nos aponta caminhos para pensar a ambiência da midiatização – esse *bios* midiático, na expressão de Sodré (2002).

Nesse cenário, desponta a problemática da circulação, não mais compreendida como um lugar de passagem, em que os discursos transcorriam numa lógica linear, mas em *locus* de outro tipo de trabalho enunciativo dos atores. Essa nova atividade de circulação acentua a descontinuidade entre as lógicas de produção e recepção, num processo de acoplamentos que, longe de apontar para uma convergência de sentidos, se realiza segundo postulados de divergência (FAUSTO NETO, 2012, 2015). A circulação passa a ser o "espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação" (BRAGA, 2012, p. 38).

Essa nova arquitetura comunicacional (FAUSTO NETO, 2012) desafia a pesquisa empírica a compreender como opera a midiatização. As realidades complexas e dinâmicas pelas quais se movimentam nossos objetos de pesquisa impõem repensar os processos e métodos de investigação. Por isso, consideramos válido refletir sobre os percursos metodológicos. No artigo completo, apresentamos de modo mais aprofundado os passos da pesquisa, sintetizados nas seguintes etapas: aproximação do caso, pesquisa exploratória, mapeamentos, delimitação de observáveis, formulação da problemática, observação sistemática, interpretação e análise semiológica e construção de circuitos (diagramas).

Durante o processo, guiamo-nos pelo pensamento de Braga (2010) acerca das questões comunicacionais comportadas pela situação em estudo. Segundo o autor, há uma necessidade de interrogar os objetos investigados a partir de um enfoque comunicacional, ou seja, elaborar perguntas propriamente comunicacionais sobre os fenômenos, a fim de superar a noção de interdisciplinaridade que ainda caracteriza a Comunicação para

avançar na delimitação e constituição desta enquanto uma disciplina com aportes teórico-metodológicos próprios.

As pesquisas sobre as transformações decorrentes do processo de midiatização apontam para dificuldades no nível metodológico, porquanto o objeto de pesquisa em questão é o próprio processo. O estudo de um fenômeno em sua processualidade fez com que buscássemos percorrer um caminho que não se limitasse a apenas uma técnica de investigação, fazendo-nos construir um percurso metodológico que nos possibilitasse compreender a complexidade que caracteriza uma sociedade em que instituições, atores e práticas se relacionam e se afetam sob a articulação de uma cultura midiática (MATA, 1999; FAUSTO NETO, 2008). Desse modo, a observação sistemática da realidade empírica do objeto nos ajudou a tomar as decisões de percurso que regem os recortes, as categorizações e os acionamentos teóricos que fundamentam a pesquisa.

A pesquisa exploratória constituiu um importante processo na construção da problemática de pesquisa e dos procedimentos de investigação, norteando alguns recortes necessários para tornar viável a pesquisa sobre os observáveis. A exploração do caso em estudo iniciou por um mapeamento exaustivo dos espaços por onde circulou o acontecimento. Esse mapeamento foi uma valiosa estratégia para a construção de diagramas que tornassem visíveis os circuitos identificados.

O estudo de caso apresentou-se como um caminho eficaz para a realização da pesquisa, visto que este método tem como objetivo a intensa exploração do caso em estudo e o aprofundamento de um fenômeno específico (*Eu não mereço ser estuprada*). Sinalizamos, todavia, que é preciso considerar o caráter comunicacional-midiático do fenômeno em análise, afim de criar esquemas interpretativos que deem conta de sua processualidade e especificidade. Assim, atentamos para o caráter indiciário do estudo (BRAGA, 2008), entendendo o fenômeno em análise enquanto um caso midiático (FORD, 1999), cujo estudo de sua narrativização não pode ser deslocado do complexo ambiente de circulação no qual está inserido.

Referências

BERGER, C.; TAVARES, F. M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. (Org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010, v. 1, p. 121-142.

BONIN, J. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**: metodológicas e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BRENNEN, B. S. **Qualitative research**: Methods for Media Studies. New York/London: Routledge, 2013.

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, v. 1, n, 2, p. 73-88, abr. 2008.

_____. Pesquisando perguntas (um programa de ação no desentranhamento do comunicacional). In: FAUSTO NETO, A. *et al.* (Org.). **Midiatização e Processos Sociais**: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p. 79-93.

_____. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (org.). **Mediação e midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 31-52.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. **Matrizes**. São Paulo: ECA/USP, ano 1, nº 1, 2008, p. 89-105.

_____. Narratividades jornalísticas no ambiente da circulação. In: PICCININ, F.; SOSTER, D. de A. (Org.). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

_____. Recepção, 'corpo-significante' em circulação. In: BRIGNOL, L. D.; BORELLI, V. **Pesquisa em recepção**: relatos da Segunda Jornada Gaúcha. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2015, p. 17-24.

FORD, A. **La marca de la bestia**: identificación, desigualdades e infoentretenimiento en la sociedad contemporánea. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 1999.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galaxia**, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

MATA, M. C. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la Comunicación**, n.56, Lima: Felafacs, 1999.

NORA, P. Le retour de l'événement. In: LeGOFF, J.; NORA, P. **Faire de l'histoire**: nouveaux problèmes. Paris: Gallimard, 1974.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**. Revista de Comunicação, Cultura e Educação. Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZAMIN, A; MAROCCO, B. A. Vertentes dos estudos de acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. (Org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010, v. 1, p. 121-142.